

CHE - CÂMARA DE CIÊNCIAS HUMANAS, SOCIAIS E EDUCAÇÃO ( COMUNICAÇÃO COORDENADA )

NOME: DANIELA MARTINS BARBOSA COUTO

TÍTULO: FRAGMENTOS DESDOBRADOS NOS LIMIARES DO SERTÃO

AUTORES: DANIELA MARTINS BARBOSA COUTO, DANIELA MARTINS BARBOSA COUTO

AGÊNCIA FINANCIADORA (se houver): CAPES

PALAVRA CHAVE: FRAGMENTOS, LIMIAZ, SERTÃO, ZONA DE CONTATO

## RESUMO

As construções da linguagem tecem caminhos e abrem travessias. Ora, pois, "o sertão é a gente", conta a voz de Riobaldo grafada por Guimarães Rosa em Grande Sertão: veredas, obra de 1956. Ora, pois, "existe é homem humano. Travessia" é o que registra a palavra impressa publicada em 2012 pelo jornal "Estado de Minas" na série de reportagens intitulada "Sertão Grande". Na interface entre ambos os textos está o sertão, cuja significação é elaborada tanto pelo relato do viajante – seja ele o escritor, seja ele o repórter –, quanto pelos fragmentos da obra literária de Rosa na tessitura dos textos jornalísticos. Esses fragmentos são os trechos do romance inseridos nas reportagens que, ao se tornarem rastros, conforme perspectiva de Walter Benjamin (1987), possibilitam a construção das histórias factuais. Assim, a hipótese discutida na pesquisa que a autora deste trabalho realizou no mestrado é de que as relações discursivas, segundo Michel Foucault (1997), entre esses universos distintos constituem outro sertão, que não é apenas o sertão do romance, nem apenas o das reportagens.

Tal discussão considerou que as escritas literária e jornalística têm a linguagem como matéria-prima, preenchem discursivamente as lacunas das histórias e constituem uma zona de contato, para fazer uso do termo cunhado por Mary Louise Pratt (1999) em "Os Olhos do Império", por meio da qual o sertão, objeto deste estudo, é contornado pelos dois textos. O recorte foi a série "Sertão Grande", proposta e produzida pelo repórter Paulo Henrique Lobato, do jornal Estado de Minas, da matriz em Belo Horizonte, que a partir da obra Grande Sertão: veredas definiu a tessitura das reportagens. O sertão do romance, inserido nas reportagens por meio de fragmentos, foi desdobrado e as relações discursivas estabelecidas entre o sertão literário e o jornalístico constituiu outro sertão. Na zona de contato, ele foi significado pelo olhar do outro: na tessitura das narrativas, as palavras dos personagens do romance e dos personagens das reportagens ganharam espaço no texto pelo recorte da grafia do viajante, seja ele Riobaldo, Rosa, o repórter ou o leitor, tanto do romance quanto das matérias jornalísticas. Os deslocamentos se fizeram e, nesse movimento, a significação também se transformou e o sertão se amplificou. Diante disso, o objetivo geral da pesquisa foi, portanto, identificar, por meio da zona de contato entre Grande Sertão: veredas e a série "Sertão Grande", o sertão que surgia do encontro de visões, períodos temporais e estilos narrativos distintos. Para isso, os objetivos específicos buscaram: a) analisar o sertão literário no espaço constituído pelos dois textos em termos de um operador de leitura para o trânsito entre as escritas de Guimarães Rosa e dos repórteres Paulo Henrique Lobato e Luiz Ribeiro; b) discutir as relações discursivas entre os fragmentos do romance e os elementos textuais e iconográficos das reportagens, e, c) recontextualizar os fragmentos da obra a fim de perceber os efeitos de sentido nas reportagens, ou seja, aquilo que, segundo Foucault (1999), permanece no texto e cuja significação é produzida pela interação estabelecida entre as palavras, independente da intenção de quem escreve.

O romance Grande Sertão: veredas, ao ser a referência para a produção da série "Sertão Grande", teve seus personagens, o autor da obra e alguns lugares nele citados inseridos na construção das matérias. Assim, o desdobramento do sertão que surgiu entre ambos envolveu os conceitos de (a) zona de contato que, segundo Pratt (1999), discute como os sujeitos são constituídos nas e pelas suas relações com os outros; (b) de fragmento, pois conforme Benjamin (1987, p.35) a "estrutura e pormenor sempre têm uma carga histórica"; e (c) relações discursivas que, para Foucault (1997), caracterizam o discurso enquanto prática.

Assim, no ir e vir entre o texto literário e jornalístico, o texto de Rosa, que preza pelo ritmo e sonoridade, foi abarcado pelo texto jornalístico, que se volta para a objetividade e clareza, e por meio das relações discursivas promovidas teceram um sertão envolto de uma fluidez palpável, que o situou num lugar de contrastes: no contexto apurado pela reportagem, a situação socioeconômica melhorou em alguns lugares, mas, em outros, as dificuldades permanecem – são perenes como as águas dos rios.

Os elementos opostos – veredas e eucaliptos, estradas de terra e asfalto, trem de ferro e carroça, extração de riquezas no subsolo e superfície seca – juntos, remetem à construção de um sertão não apenas mítico nem somente econômico, mas um sertão que se faz do cotidiano de quem nele vive, das esperanças de quem nele anda, das certezas que se tornam pó, do pó que se torna alicerce e faz a travessia acontecer em busca de dias melhores. Nesse ponto, tanto o romance quanto a reportagem se encontram em limiares que remetem ao labor da vida sertaneja que, conforme as discussões desta pesquisa, flui entre as margens da ficção e do fato, entre o romance e a reportagem. Enfim, texto plural, gerador de outros textos, leituras, reescritas.

A leitura aqui elaborada não encerrou as possibilidades de estudo do material analisado, pois ela é um fragmento diante das múltiplas análises para o sertão que surge na zona de contato entre o romance e a série de reportagens. A significação que o envolve é, ao mesmo tempo, interior e exterior, por isso mesmo, pode ganhar diversas expressões e significações: interpretá-lo é, de fato, um desafio dentro da perspectiva da crítica literária. Afinal, o sertão segue abrindo caminhos por todos os lados do mundo, sejam eles reais, fictícios, híbridos... Ora, pois, "o sertão é a gente", conta a voz de Riobaldo, grafada por Guimarães Rosa. Ora, pois, "existe é homem humano. Travessia" é o que ecoa na palavra impressa gravada na folha do jornal publicados em 2012. A relação entre um e outro? O sertão enquanto percepção, espaço, tempo, e, ainda, vivências, travessias e, por isso mesmo, esperanças.